

A REVISTA

DEZ MINUTOS DE DEMORA

(De AZORIN)

— Ouça lá, menina, então?...
— O senhor chama-me a mim?
— Decerto, a quem hade ser? Estou chamando ha meia hora.
— Ora! ha meia hora, não.
— E' lição que me quiere dar?
— Não senhor, digo a verdade.
— Mas a menina está no restaurante da gare para dizer a verdade ou para servir os viajantes?
— Para uma e outra coisa...
— Bem, despache-me essa conta, está a partir o comboio.
— E que culpa tenho eu disso? Estava a supor que o senhor ficaria na estação...
— E para que havia eu de ficar na estação?
— Posso, acaso, saber os seus segredos?
— Eu não tenho segredos...
— O senhor o saberá.
— A menina ri-se?
— Peço perdão, eu não me riu do senhor.
— Ah! supunha...
— Porque me havia de rir?
— Por achar graça ao precalso de um viajante ficar em terra.
— Meu Deus! Tenho visto tantos!
— Queria que eu fosse um deles?
— Tem interesse em ficar cá?
— Dantes não tinha nenhum, agora vou tendo um pouco...
— Deverás?
— Com toda a sinceridade.
— E para que tem o senhor um pouquinho de interesse em ficar nesta estação?
— Para ver os lindos dentes e os lábios côr de romã de certa menina quando ri...
— Atrai-o esse espectáculo?
— Imenso! Nem sei que diga!
— Olhe que apita o comboio...
— Deixe-o lá apitar.
— Estão-no chamando da plataforma do *sleeping*.
— Deixe-os que chamem.
— O senhor chama-se Adolfo?
— Como é que a menina o sabe?
— Porque o dizem os amigos que o chamam da plataforma.
— Ai! que fatigado estou!
— Sente-se, sente-se, então, por quem é, faça favor.

— Aqui neste bufete, sentado, comodamente, a uma mezita destas está-se muitíssimo bem. A menina não se senta?
— Dizia o senhor que estava muito cansado..
— A menina não se senta?
— Não senhor; sou a dona do restaurante; por outra: o dono é meu pae e eu sou a empregada.
— Caramba, que empregada! Quere que lhe diga uma coisa menina... empregada?
— Já está partindo o comboio e o senhor já o perdeu!
— O que eu perdi foi outra coisa diferente.
— Que foi que o senhor perdeu?
— O juízo, a calma, a linha... tudo isto porque a vi! A menina quere que lhe confesse uma coisa?
— Se não for inconveniente.
— Eu não digo coisas inconvenientes. Sabe que estou inclinado a acreditar nessa coisa que os novelistas afirmam que aparece algumas vezes de repente?
— Uma coisa que aparece de repente, algumas vezes? Querem ver que o comboio levou a bagagem do senhor?
— Deixe lá a minha bagagem. Quere a menina saber, acaso, como se chama esse doce sentimento que a maior parte das vezes surge repentinamente?
— O senhor vae para a cidade ou espéra outro comboio?
— Perdão, eu não espéro nada, ou por outra: espéro... espéro...
— A cidade ainda é distante; mas hade ahí estar um trem...
— Eu espéro, menina, espéro...
— Ah, a cidade é preciosa! O senhor gosta de monumentos romanicos?
— Eu espéro, menina, eu espéro...

— Ouve, José, Antonio: vamos chegando...
— Sim, querido Adolfo; vamos chegando á estação, á celebre estação. Apeias-te?
— Eu? Não voltei a apear-me desde que saí d'aquí. Sempre que passo, e passo inumeras vezes, tenho de voltar a cara. Nem tenho animos para a ver.

A REVISTA

— Tu exageras um pouco...

— José, Antonio, vos podeis imaginar a profunda comoção que sinto ao passar aqui. Vivi aqui vinte anos; vocês conhecem a historia. Passo aqui imensas vezes e volto a cara para o lado. Nem quero ver este sítio em que vivi os melhores anos da vida.

— Foram, de facto, os melhores?

— Foram os melhores, decerto. Mas a morte, permatura, de minha pobre mulher tornou-me a vida toda. Tudo se foi com ela, tudo! Repouso, felicidade, calma doce de um dia e de outro dia... José, Antonio, agora quando chegar-mos desçam vocês e almocem; eu aguardo-os aqui.

— Não, não, não descemos. Ficamos aqui contigo. Ou todos ou nenhum.

— Porque não? Se tu, Antonio, não descas, pode descer o José; José é moço; em dois saltos põe-se no restaurante. Eu não poderia ver essas mezas do bufete donde um dia...

— E se o José, como tu ha vinte anos, perde tambem o comboio?...

— Ha vinte anos! Parece que vejo tudo! Estava sentado a uma pequena meza do restaurante. O creado demorava-se a vir receber a conta. Chamei-o, reparei então que uma menina ria...

— De tí?

— Não; como rir-se de mim? Entabolámos conversa. Afirmo-lhes, meus amigos, que isso do amor repentino, de que falam as novellas, é uma grande verdade.

— E tu perdeste o comboio!

A REVISTA

— Pois eu perdi o comboio... e acabei por me casar com a jovem da estação.

— Chegámos. Devéras, tu não queres descer, Adolfo?

— Ah! Não! Eu perdi o comboio e casei com a pequena... Que desça o José que é moço... Puz-me á testa do restaurante. O pai de minha mulher, coitado, estava velho, cansado de trabalhar. Eu também estava cansado mas de andar por esse mundo. Não parava em parte alguma. Ouve, José, se o Antonio fica comigo vai tu ao restaurante.

Vinte anos estive nesta estação; encantava-me escutar o ruído dos comboios, em sonhos, durante as noites, e ver, de madrugada, dissolver-se na luz alvorescente, ao longe, a luz dos faróis vermelha e verde...

— Antonio, porque não desces também? Eu fico esperando aqui.

— Não, não, eu acompanho-te.

— Ouve, Antonio, quando deixei o restaurante ficou com ele um velhote que tinha uma filha linda; era a rapariga mais bonita destes sítios. Mas eu não a conheço.

— Como é isso? Não foste tu que realizaste o trespassse?

— Não, verás... Mas já estamos na estação. Dez minutos de demora, como daquela vez. Dez minutos que foram vinte anos. Não conheço o novo dono do restaurante nem a filha. O José a esta hora já deve estar sentado á meza do bufete.

— Sim, está. Não queres assomar-te?

— Não, não! Quando minha mulher morreu acabou tudo para mim. O restaurante era-me insuportável. Um dia, passando um expresso, subi a uma carruagem para falar a um amigo. O comboio poz-se em marcha e eu seguí no comboio.

— O contrario de antes?

— Isso mesmo; precisamente o contrario...

Quando cheguei á fronteira telegrafei a um amigo que liquidasse o negocio. E comecei a viajar, infatigavelmente. De então para cá a minha vida é uma viagem perpetua.

— E' curioso.

— Como dizia Eraclito... Disse-me uma vez, no restaurant, um senhor de cabeleira, filosofo, sem duvida... Como dizia Eraclito: «O Tempo é um menino que joga os dados».

— Que lhe havemos de fazer? A vida é isto: azares, casualidades...

— José, José! Olha que parte o comboio! Vamos embora!

— Não vem?

— Não, não; não se move do bufete.

— Mas que faz? Eu não quero olhar.

— Está falando com uma rapariga.

— E antes disso tinha chamado o criado?

— Não sei, agora fala, muito animadamente, com a pequena.

— E' bonita?

— Preciosa. José, José, vamos embora, homem! Tu não vens?

— Não quer vir?

— Não se mexe!

— Pois nós já vamos. O comboio já vai em marcha.

— O José está rindo com a pequena.

— Riem ambos?

— Pois claro que riem ambos.

— Dez minutos de demora! Vinte anos...

Adeus, adeus, querido José. Adeus, mocidade!
«O Tempo é um menino que joga os dados»...

Trad. de Maria Helena de Sousa Fillol

